Revista da ANPEGE. v. 16. nº. 30, p. 266 - 288, ANO 2020. e-ISSN: 1679-768X
https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege. // DOI 10.5418/ra2020.v17i30.10610

O ESPAÇO NACIONAL DA ECONOMIA INTERNACIONAL: O circuito espacial da produção têxtil no Rio Grande do Norte

THE NATIONAL SPACE OF THE INTERNATIONAL ECONOMY: The textile production space circuit in Rio Grande do Norte

EL ESPACIO NACIONAL DE LA ECONOMÍA INTERNACIONAL: El circuito espacial de producción textil en Rio Grande do Norte

Igor Rasec Batista de Azevedo
Francisco Fransualdo de Azevedo

RESUMO

A topologia da atividade têxtil no Rio Grande do Norte, espacialmente distribuída de maneira dispersa, e concentrada, denota uma capilaridade socioespacial, por meio das qual se coadunam tipologias do circuito espacial da produção têxtil, coordenadas por um uso corporativo do território. Para a pesquisa verticalizou-se na teoria do espaço geográfico, os conceitos de território e circuitos espaciais produtivos, e empregaram-se procedimentos teórico-metodológicos de coleta e sistematização de dados, baseados em técnicas de pesquisa documental, e pesquisa de campo articulada com uma base estatística. A tipologia das manifestações do circuito espacial da produção têxtil no estado contempla seis sub-circuitos, dentre os quais se destacam os: das grandes marcas do vestuário, dos artefatos têxteis, dos suprimentos têxteis para a cadeia do petróleo e das facções do vestuário. As interfaces desses sub-circuitos são tecidas por solidariedades organizacionais, geridas por corporações do círculo de cooperação têxtil, como um espaço nacional da economia internacional.

Palavras-chave: circuito espacial da produção têxtil; uso corporativo do território; rio grande do norte.

ABSTRACT

The textile activity in Rio Grande do Norte, spatially distributed both in a dispersed and concentrated manner, denotes a socio-spatial capillarity, through which typologies of the spatial circuit of textile production in Rio Grande do Norte are coordinated by a corporate use of the territory. For the development of the research it was detailed the theoretical support from the theory of geographic space, and the concepts of territory and productive space circuits, as well as covering theoretical and methodological procedures for data collection and systematization, based on documentary research techniques and field research articulated with a statistical basis. The typology of the manifestations of the spatial circuit of textile production in the state includes six sub-circuits, detailed to along this paper. These sub-circuits are woven by organizational solidarity, managed by corporations in the textile cooperation circle, which use Rio Grande do Norte as a national space for the international economy.

Keywords: space circuit of textile production; corporate use of territory; rio grande do norte.

RESUMEN

La topología de la actividad textil en Rio Grande do Norte denota una capilaridad socioespacial a través de las cuales las tipologías del circuito espacial de producción textil en este estado se coordinan mediante un uso corporativo del territorio. Para el desarrollo de la investigación se verticalizó en el soporte teórico de la teoría del espacio geográfico, en los conceptos de territorio y circuitos espaciales productivos, además se utilizó de procedimientos teóricos y metodológicos para la recopilación y sistematización de datos, basados en técnicas de investigación documental e investigación de campo articuladas con una base estadística. La tipología de las manifestaciones del circuito espacial de producción textil en el estado incluye seis subcircuitos, detallados a lo largo del texto. Estos subcircuitos están entrelazadas por la solidaridad organizacional, administrada por corporaciones en el círculo de cooperación textil, que utilizan Rio Grande do Norte como un espacio nacional para la economía internacional.

Palabras-clave: circuito espacial de producción textil; uso corporativo del territorio; río grande del norte.

Introdução

O artigo em tela resulta das análises e discussões realizadas na dissertação intitulada "CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO TÊXTIL NO SERIDÓ POTIGUAR: As especificidades do ramo de artefatos domésticos" (AZEVEDO, 2017), apresentada no Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (PPGE) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na qual se analisou o circuito espacial produtivo têxtil coadunado ao uso do território, com ênfase na produção de artefatos têxteis para consumo doméstico, a partir dos processos, dinâmica e conteúdo desta, na região do Seridó Potiguar.

Esta análise baseia-se em procedimentos teórico-metodológicos de coleta e sistematização de dados a partir de pesquisa de campo – através da realização de entrevistas com base em roteiros semiestruturados e formulários – articulado com uma base estatística. À luz de uma reflexão sobre o raciocínio geográfico enquanto pressuposto analítico – cuja centralidade é o conceito de território usado em interface com as noções de técnica e tempo – e em face dessa metodologia, galgamos resultados e delineamos discussões sobre a configuração territorial da atividade têxtil no Rio Grande do Norte, das quais extraímos o referencial para a construção do presente texto.

Discutiremos, doravante, sobre as tipologias do circuito espacial da produção têxtil presentes no Rio Grande do Norte a partir de uma análise sobre suas características e especificidades em se tratando dos segmentos do vestuário e da fabricação de artefatos têxteis. Essas tipologias podem ser compreendidas a partir de, pelo menos, duas instâncias da atividade têxtil no referido recorte: de um lado, temos a existência de materialidades e virtualidades pretéritas, as quais revelam coexistências e permanências da técnica e do tempo; de outro, um uso corporativo do território prenhe de nexos extravertidos[1] que transformam o Rio Grande do Norte em uma espaço nacional da economia internacional. Mormente em relação a este segundo aspecto do circuito têxtil que nos debruçaremos neste artigo.

Usos do território e tipologias do circuito espacial da produção têxtil no Rio Grande do Norte

Inserido na lógica global do modo capitalista de produção, que apresenta mudanças estruturais nas instâncias da produção e da sociedade, o estado do Rio Grande do Norte, sobretudo a partir dos anos 1980, recebe a influência de novos e variados vetores, implicando em um processo de solapamento de sua base econômica, que nesse período era essencialmente rural. Para Azevedo (2013), a indústria é um dos eixos significativos dessa reorganização.

Como podemos observar, a indústria vem se consolidando a partir de 1970, tanto individualmente (Figura 1), quanto inserida no conjunto da economia potiguar (Figura 2). Como evidência disso, ela ultrapassa em matéria de valor adicionado bruto todos os demais setores da economia na década de 1980, apresentando seu auge.

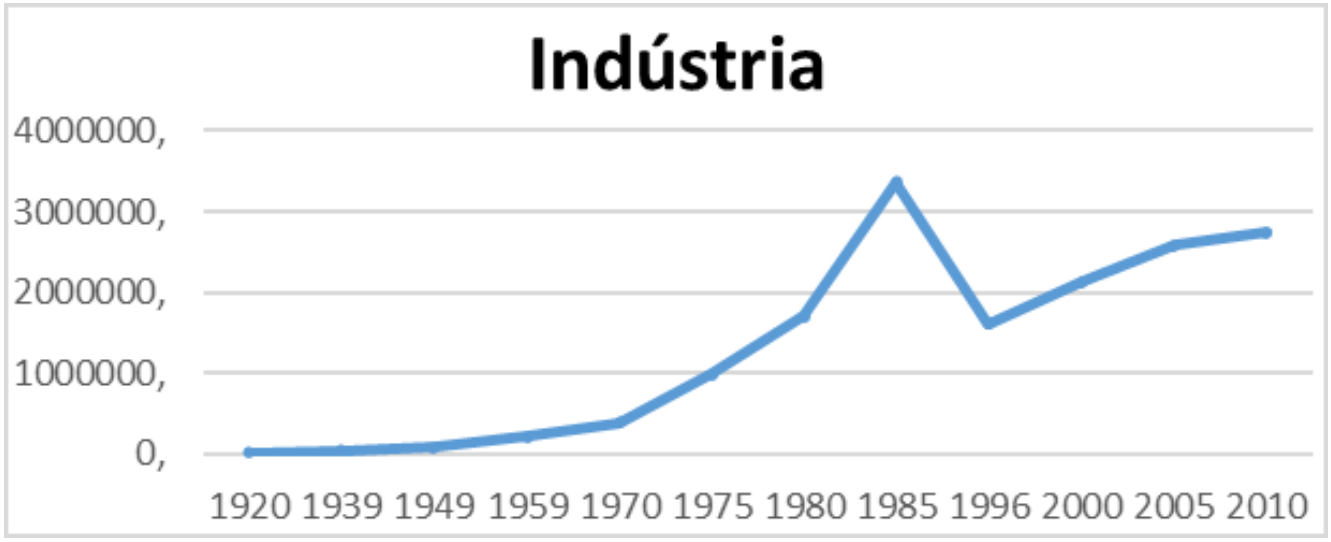


Figura 1: *Série histórica do valor adicionado bruto pela Indústria no RN (1920-2010), em valores absolutos a preços básicos (R$) do ano 2000.*
Fonte: *IPEA, 2016.*

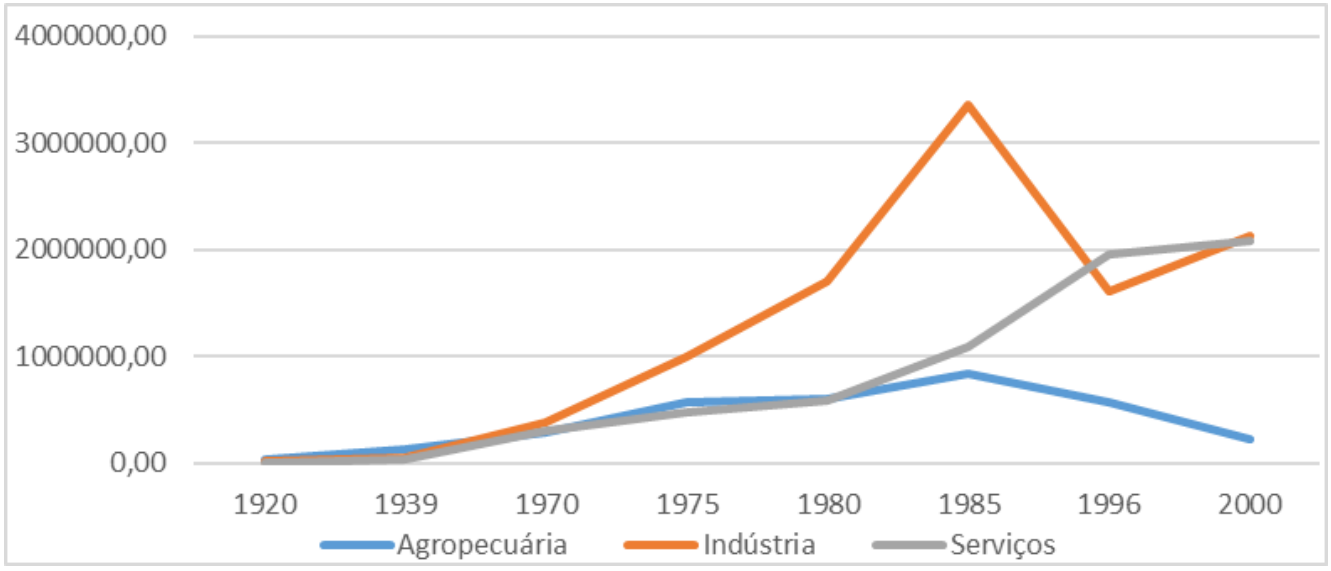


Figura 2: *Série histórica do valor adicionado bruto por setor da economia no RN (1920-2000), em valores absolutos a preços básicos (R$) do ano 2000.*
Fonte: *IPEA, 2016.*

Azevedo (2013) elenca, entrementes, alguns fatores que convergiram para essa evolução, tais como a política de incentivos fiscais adotada no período, coadunada ao fortalecimento do capital privado no Estado. Nesta perspectiva, Azevedo e Galindo (2016, p. 19) elucidam que:

> É notório que o estado do RN passou por uma diversificação em sua estrutura produtiva comparativamente a que existia nos anos 1970. (Re)produz-se, no estado, uma Indústria Extrativa baseada na existência/disponibilidade de recursos naturais, como os vetores de extração de petróleo e do refino de sal marinho, além de uma Indústria de Transformação que se instala devido as políticas de incentivos fiscais e disponibilidade de mão de obra barata.

A indústria desenvolve-se no Rio Grande do Norte principalmente a partir dos vetores da agroindústria, do extrativismo e do ramo têxtil, conforme aponta a evolução ilustrada na Figura 3. Cada eixo envolve as seguintes atividades:

> [...] o agroindustrial, abrangendo a indústria de alimentos, bebidas e de insumos agrícolas; o extrativismo mineral, envolvendo a extração de petróleo, gás, sal, granito etc., e por último a indústria têxtil que tem retomado seu ritmo de crescimento a partir do ano 2000. (AZEVEDO, 2013, p. 119).

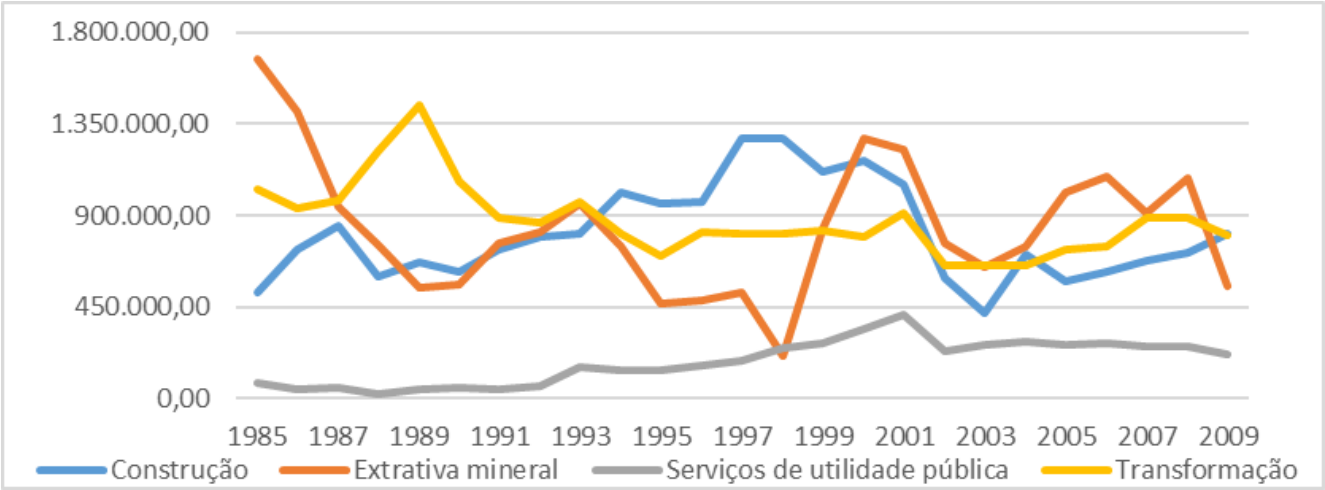


Figura 3: *Série histórica do valor adicionado bruto por setor da indústria no RN (1985-2009), em valores absolutos a preços básicos (R$) do ano 2000.*
Fonte: *IPEA, 2016.*

Podemos depreender dessa evolução que o eixo extrativista foi o que sofreu maiores sobressaltos ao longo do referido recorte de tempo (1985-2009), devido, entre outros fatores, à questões supranacionais, marcadamente, as variações de preço no mercado internacional – típicas do mercado de minérios, cuja demanda, em se tratando do principal produto explorado nessa época: scheelita, esteve relacionada, sobretudo, à fabricação de armamentos e, consequente, à ascenção ou decadência de conflitos armados mundiais que ocorreram nesse ínterim (FERNANDES, 2011; ASSIS, 2006). Enquanto que a indústria de transformação, englobando os eixos agroindustrial e têxtil, após um queda no início da década de 1990, se manteve mais ou menos estável nos últimos anos, conforme podemos verificar mais detalhadamente na evolução dos setores da economia no Rio Grande do Norte, em números absolutos, compreendendo os últimos quinze anos, representada na Figura 4 (valores absolutos).

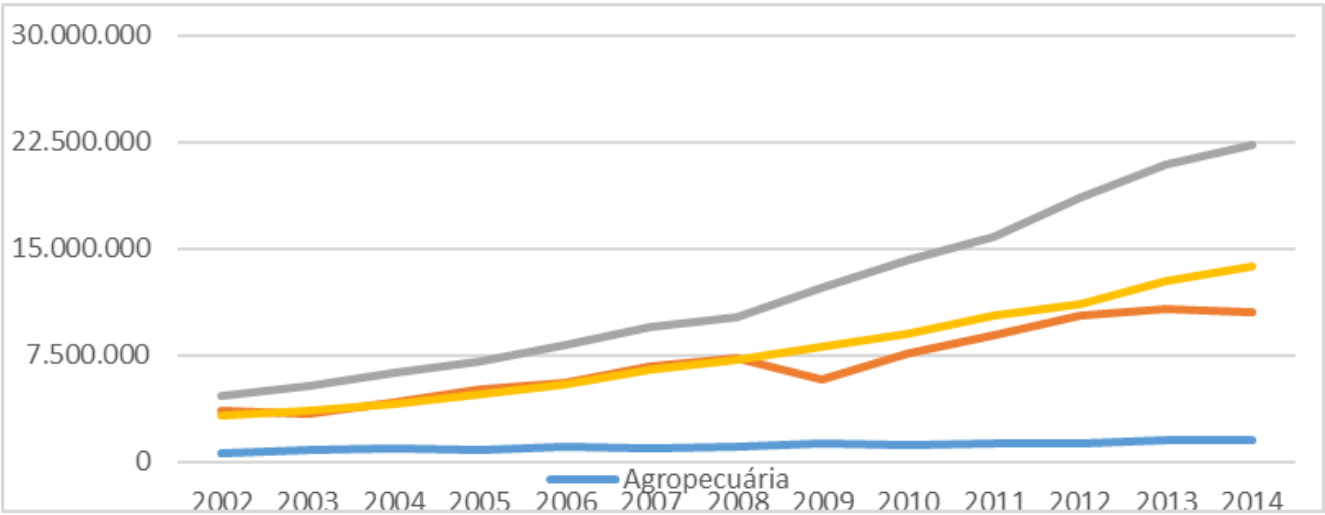


Figura 4: *Série histórica do valor adicionado bruto a preços correntes por setor da economia no RN (2002-2014), em valores absolutos (referência 2010).*
Fonte: *IBGE, 2017.*

Inferimos a partir desta leitura que, apesar de uma relativa queda em relação às demais áreas no que se refere ao valor adicionado bruto, a indústria no Rio Grande do Norte manteve um ritmo de crescimento, em que pese os efeitos conjunturais da crise financeira internacional de 2008, marcadamente sentidos em todos os setores da economia nacional. A crise hipotecária americana eclodiu em outubro de 2008 no Brasil. Seus impactos são mais do que conhecidos, principalmente pelo empoçamento de liquidez de capital mundial. A necessidade dos bancos mundo afora de cumprir seus compromissos financeiros reduziu abruptamente a concessão de crédito. No Brasil, a indústria de transformação foi

o setor que mais sentiu os impactos da crise internacional, dentre os quatro segmentos da indústria – extrativa, de transformação, construção civil e serviços industriais de utilidade pública. (ÁVILA, 2012, p. 19)

Desta forma, a indústria continua representando um papel relevante no uso produtivo do território potiguar, em que pese compor atualmente 22% do Produto Interno Bruto do estado (IBGE, 2017), 6(seis) pontos percentuais menor em relação à 2002 (Figura 4). Constatamos, pois, que não há, propriamente, queda ou crise, todavia ocorre um crescimento relativo, e não absoluto, menor se comparado a outros seguimentos da economia, sobretudo à expansão nas últimas décadas do comércio e dos serviços – Pessoa (2015), por exemplo, analisa o crescimento do comércio na rede urbana do Rio Grande do Norte a partir da difusão das redes de supermercados, enquanto um componente dinamizador significativo da economia urbana. E esse crescimento, ou melhor, desenvolvimento da atividade têxtil no estado ocorre tanto pela proliferação de novas unidades produtivas quanto pelo aumento de pessoas empregadas no ramo têxtil no Rio Grade do Norte: "[...] verifica-se sensível aumento no número de unidades têxteis de produção, ao passo que o número de empregos no setor cresceu de forma expressiva (Azevedo, 2013, p. 127).

Em se tratando da influência do território na distribuição espacial das atividades, o circuito espacial da produção têxtil no Rio Grande do Norte está disposto tanto de maneira dispersa, quanto concentrada, haja vista que, apesar de quase metade dos municípios do estado abrigarem algum estabelecimento têxtil, não passa de vinte o número de cidades cuja concentração do circuito é mais significativa – considerando os resultados obtidos com a aplicação da metodologia previamente adotada. Não obstante, essa distribuição expressa uma capilaridade socioespacial, sobretudo se levado em consideração suas dimensões geográficas e populacionais: o estado sedia um total de 683 unidades produtivas e 18.530 funcionários, espalhados por 77 municípios (FIERN, 2017).

O ramo de confecções e vestuário está mais disperso por toda a extensão territorial do estado, conforme podemos observar na Figura 5. O maior exemplo desse padrão de dispersão é a pulverização de facções do vestuário (de costura) por todo o estado (em especial, concentra-se na região do Seridó e, de forma residual e dispersa, encontram-se em outras localidades, tais como: São José de Mipibu, Vera Cruz e Ceará-Mirim na Região Metropolitana de Natal; Santa Cruz, na Borborema Potiguar; e São Francisco do Oeste, no Oeste do estado), com políticas específicas de proliferação e interiorização da atividade.

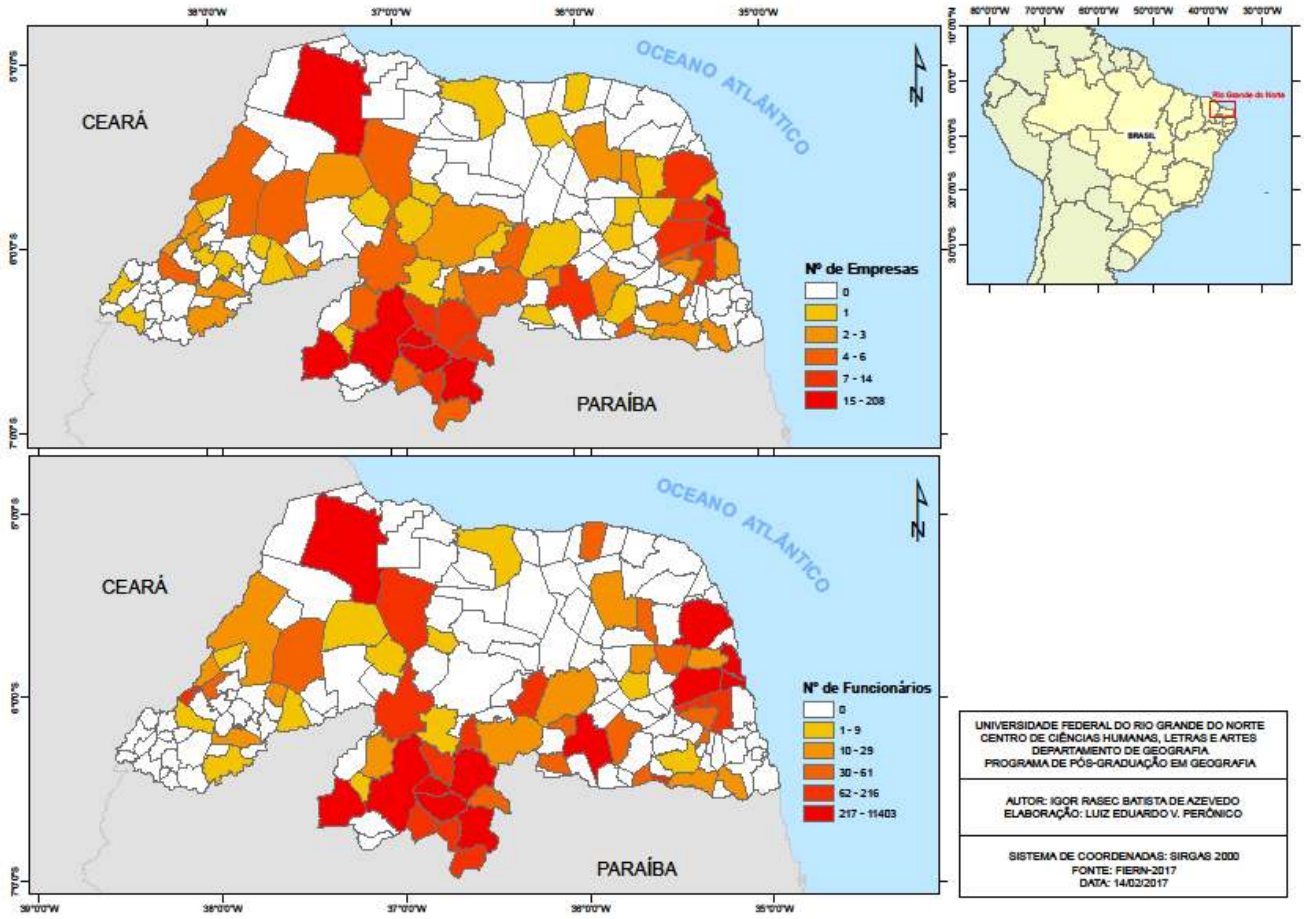


Figura 5: *Mapa da distribuição de empresas e funcionários do vestuário no Rio Grande do Norte.*
Fonte: *FIERN, 2017. Autoria: Igor Rasec Batista de Azevedo.*

Galindo (2018, p. 193), cuja pesquisa analisou o uso corporativo do território correlacionado às facções de costura do Seridó Potiguar, caracteriza esses agentes como "estabelecimentos especializados em realizar a etapa de costura", os quais atendem, sobretudo, "as empresas varejistas [...], evidenciando um processo de aprofundamento da divisão territorial do trabalho na indústria de confecções".

A disseminação espacial desses agentes ocorreu no interior do Rio Grande do Norte, em especial na região estudada, a partir dos anos 2000. Em 2013, ocorre uma inflexão notável, quando é criado o Pró-Sertão (política de empresa travestida de política de Estado), cujo evento principal foi a inserção vigorosa da Guararapes (grande empresa potiguar do ramo do vestuário, detentora do maior parque industrial têxtil da América Latina) no processo de terceirização. O programa constitui uma "solidariedade organizacional que dá suporte ao uso corporativo do território pelas indústrias de confecções. Ela se expressa pela articulação entre vários agentes" (GALINDO, 2018, p. 193), marcadamente, a partir da atuação, em várias frentes, do Estado como grande viabilizador da relação entre corporações do vestuário e pequenos produtores terceirizados (facções), dentre as quais se destaca a financeirização do território – concessão benefícios fiscais e financiamento para as duas pontas do circuito.

Em contraponto, de forma espacialmente mais concentrada, se dá a atuação direta das grandes empresas (produção propriamente dita), cujas filiais localizam-se no centro urbano potiguar de maior expressão (Natal e cidades circunvizinhas) no sentido de beneficiarem-se da gama de fatores locacionais aí encontrados, tais como proximidade e variedade de modais logísticos e estratégicos, além da proximidade a grandes centros de consumo.

Temos ainda o caso das pequenas unidades produtivas do (sub)circuito de artefatos têxteis para uso domésticos, as quais expressam um padrão de concentração bem evidente, aprofundando-se progressivamente nas escalas do Estado, até apresentar uma especialização territorial bastante expressiva em nível local, conforme apresenta a Figura 06.

Enquanto no vestuário a disposição espacial é significativamente mais dispersa, concentrando-se no Seridó Potiguar mas de nenhuma forma restringindo-se a ele, na produção de artefatos têxteis para uso doméstico percebemos uma disposição espacial na forma de especializações territoriais produtivas sempre mais circunscritas, concentradas.

Podemos observar na Figura 6, como manifestação dessa tendência à concentração, a expressão de um pequeno município (destacado no mapa), como Jardim de Piranhas (com aproximadamente 15.000 habitantes segundo a projeção do IBGE para o ano de 2019). A cidade constitui uma especialização produtiva no segmento dos artefatos domésticos, principalmente pela fabricação de produtos de baixo valor agregado, tais como o "pano de prato" – artigo de maior destaque na produção local. Essa concentração espacial na região do Seridó, e mais especificamente no município supracitado, se explica por um uso produtivo coadunado às contiguidades do território, à materialidades pretéritas – tais como as heranças socioespaciais advindas do cultivo do algodão e da prática do bordado, tradicionalmente vinculadas à região. O caso particular do circuito de artefatos têxteis e as suas respectivas formas-conteúdo expressas no uso do território do Seridó potiguar encontram-se mais amplamente discutidas em Azevedo (2017).

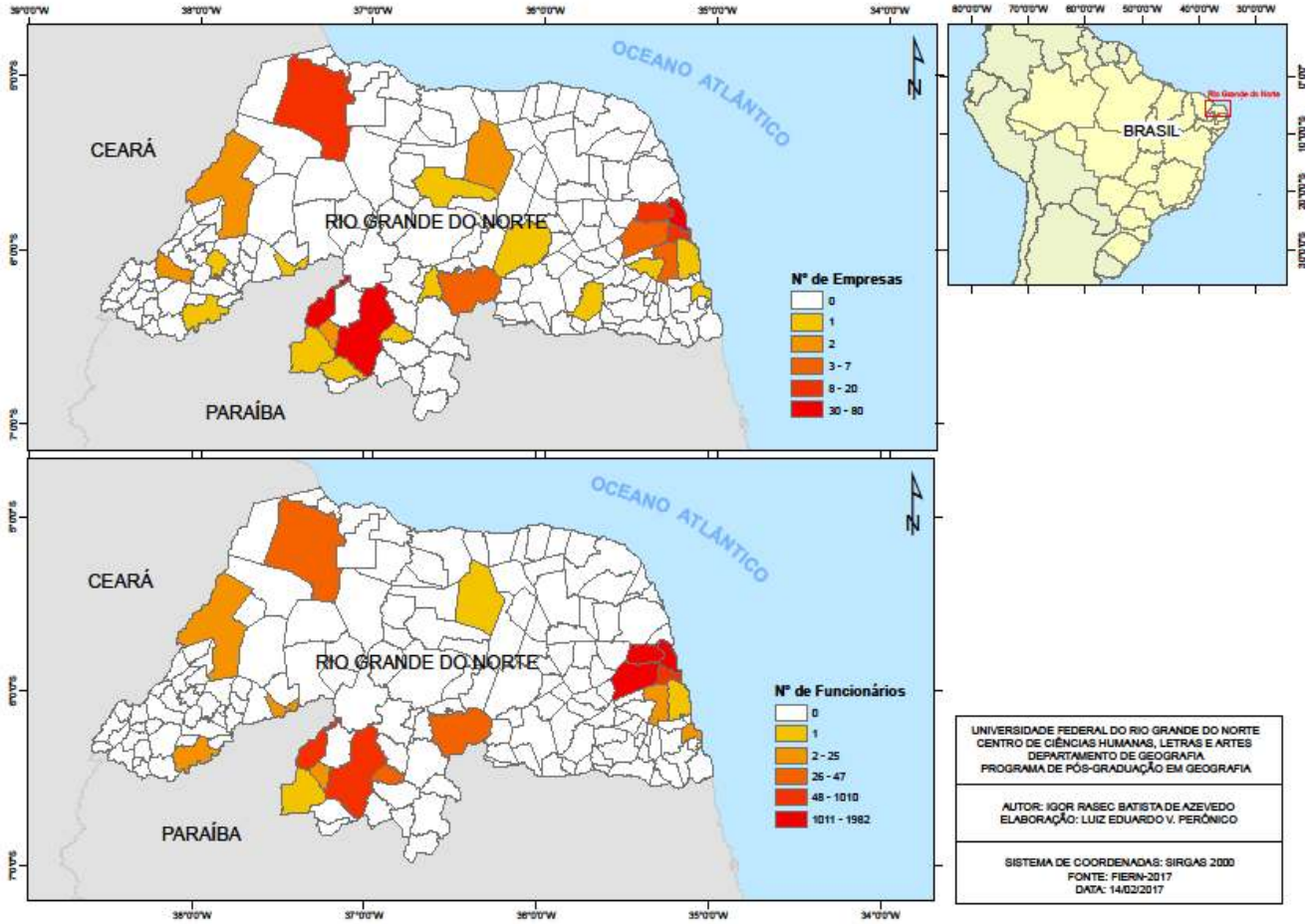


Figura 6: *Mapa da distribuição de empresas e funcionários da fabricação de artefatos têxteis no Rio Grande do Norte.*
Fonte: *FIERN, 2017. Autoria: Igor Rasec Batista de Azevedo.*

Depreendemos a partir destas variáveis que o sub-circuito está bem mais circunscrito territorialmente, em contraposição ao circuito espacial produtivo propriamente dito. Com base em Furtado (1969, p. 51), a estruturação espacial da economia ocorre com as atividades produtivas atacando, concomitantemente, duas frentes de concentração: funcional e espacial: "A atividade econômica tende a concentrar-se no espaço, maximizando economias de aglomeração, da mesma forma que ela se concentra no tempo a fim de reduzir o coeficiente de incerteza".

Como essa asseveração coaduna ao enfoque dos circuitos espaciais de produção, propomos uma tipologia (subdivisão pormenorizada) do circuito têxtil baseada em dois segmentos principais, confecção de vestuário e fabricação de artefatos domésticos. Consequentemente, relacionados à essas tipificações estão dispostos (sub)circuitos espaciais da produção têxtil no Rio Grande do Norte

Considerando que o espaço geográfico pressupõe um sistema de estruturas, não de elementos (SANTOS, 1979), as categorias analíticas estruturantes nos autorizam pensar o circuito espacial produtivo enquanto estrutura, da mesma forma que a totalidade, em seu incessante processo de totalização, é composta de totalidades menores (SANTOS, 2012).

Depreendemos, portanto, ser inteiramente legítimo reconhecer na esfera da formação sociespacial um circuito espacial da produção têxtil, mas na medida em que esta estrutura avança nos tempos internos (nas escalas inferiores, como é o caso do estado do Rio Grande do Norte) ela vai subdividindo-se em estruturas menores, revelando uma coexistência de atividades, etapas, agentes, e, portanto, de circuitos espaciais menores, ou, como preferimos chamar: sub-circuitos espaciais produtivos, os quais revelam a diversidade dos usos concretos do território na escala local e/ou regional e a produção – produção propriamente dita, distribuição, troca e consumo – de produtos mais específicos), tributários à unidade de um único circuito espacial produtivo que se revela ou se compreende no âmbito dos processos da formação socioespacial e abrange uma gama maior de produtos ou segmentos.

A forma como se expressa o circuito têxtil no Rio Grande do Norte é muito elucidativa: sua dinâmica abrange uma gama variada de segmentos e produtos, os quais, todavia, coadunam entre isso, ou seja, se interseccionam – não há dúvida, por exemplo, de que as facções de costura de roupas íntimas ou vestuário espalhadas por quase todo o estado, as bonelarias no Seridó e a fabricação de artefatos domésticos na grande Natal e no Seridó são atividades produtivas distintas, cujas dinâmicas revelam particularidades que lhe são próprias, mas que, vistas em conjunto, pertencem ao mesmo circuito, ou seja, compartilham de várias características intrínsecas, como a mesma natureza da matéria-prima, o regime intensivo da exploração da força de trabalho etc. Diante do exposto, consideramos fundamental esboçar tipologias do circuito espacial da produção têxtil no Rio Grande Norte.

A materialização dos circuitos espaciais da produção se dá na configuração territorial que, por seu turno, é a materialização do trabalho humano no espaço por meio da dinâmica social. Esta base material é composta por infraestruturas, acrescentadas ao meio ecológico através dos sistemas de engenharia – da comunicação, dos transportes etc. Todavia, este "meio ecológico já é meio modificado, e cada vez mais é meio técnico" (SANTOS, 2008a, p. 19).

Em se tratando das infraestruturas, em particular, vale salientar que a distribuição delas no território não dependem apenas do volume ou do tipo da produção, mas, também, e, sobretudo, da circulação. Nas condições da economia atual, é praticamente inexistente um lugar em que toda produção local seja localmente consumida ou, vice-versa, em que todo o consumo local é provido por uma produção local (SANTOS, 2008b, p. 61).

A configuração territorial do circuito têxtil no Rio Grande do Norte se materializa por meio de 891 empresas e 24.671 funcionários em 82 municípios (FIERN, 2017). Essa distribuição de infraestruturas e agentes é tributária de manifestações estruturais, mas também apresenta particularidades funcionais e espaciais em se tratando do uso concreto do território. A análise estatística correlacionada aos dados históricos, não quantitativos, dos municípios de nossa amostra nos direcionam a uma tipologia das manifestações do circuito espacial da produção têxtil no estado:

1. Como o circuito têxtil possui uma abrangência funcional e espacial considerável, esses dados carecem de um maior grau de precisão em relação às localidades cuja inserção nesse circuito é mais destacada. Intentando dirimir esta questão, definimos os principais municípios do ramo de confecção e vestuário no RN, tendo como parâmetro as variáveis 1) número de empresas, 2) número de funcionários e 3) porte médio (relação empresas x funcionários) correlacionadas espacialmente a partir da aplicação de métodos estatísticos descritivos simples.

2. Utilizamos como padrão as medidas de média aritmética e, na maioria dos casos, discrepância por considerá-la, em nosso caso, metodologicamente mais coerente, uma vez que pretendemos identificar exatamente aquilo (os subespaços) que se sobressai em relação aos demais elementos da amostra. Isso significa que, quando encontradas acima do limite da discrepância, as variáveis elencadas estão distribuídas de modo concentrado nos municípios indicados. E a concentração é um dos indicadores espaciais mais precisos do uso do território pelos circuitos espaciais produtivos.

3. Ademais, conforme foi possível inferir acerca dos dados amostrais das variáveis adotadas (estabelecimentos, empregados e relação entre estabelecimentos e empregados), a confiabilidade da média não apresentou bons resultados. Limitando-nos a dois exemplos, o nível de confiança da média é inversamente proporcional à distância entre ela e a mediana e ao número do desvio padrão, ou seja, quanto menores essas medidas, maior a confiabilidade.

Antes pontuar os municíos do Rio Grande do Norte que mais se sobressaem na atividade têxtil, vale destacar o procedimento metodológico adotado para tal escrutínico. As medidas descritivas advém da estatística descritiva que "se refere ao uso de determinados métodos que são aplicados para descrever e resumir as características da amostra" (ROGERSON, 2010, p. 13). Dentre as medidas descritivas mais utilizadas estão as que adotamos em nossa metodologia (expostas na Figura 7), a saber: os chamados "'cinco números síntese' da distribuição (o mínimo, o máximo, os 25º e 75º percentis e a mediana) (ROGERSON, 2010, p. 26); além desses, a amostra pode apresentar discrepâncias, que podem ser leves ou extremas – em geral, uma medida é considera extrema quando está 1,5 vezes para além do 75º percentil –; a média: "é a tendência central de nossas observações; ela é encontrada pela adição de todas as respostas individuais e por sua divisão pelo número de observações"; a mediana "é definida como a observações que divide a lista ordenada de observações [...] ao meio"; a moda "é definida como o valor que ocorre mais frequentemente" (ROGERSON, 2010, p. 28-29). Sobre os 25º e 75º percentis: "Com n observações, o percentil 25 é representado pela observação (n + 1)/4, quando os dados forem classificados do menor para o maior. O percentil 75 é representado pela observação 3(n + 1)/4. Frequentemente, esses valores não serão inteiros, e uma interpolação é usada, assim como é para a mediana, quando existe um número par de observações". Por fim, o desvio padrão "é igual à raiz quadrada da variância da amostra; [...] Uma vez que a variância amostral caracteriza a tendência central do quadrado do desvio a partir da média, tomando-se a raiz quadrada e utilizando-se o desvio padrão, estamos colocando a medida de variabilidade de volta a uma escala mais próxima à utilizada para média e aos dados originais" (ROGERSON, 2010, p. 31).

Medidas	Empresas	Funcionários	Porte médio
Municípios	82	82	82
Mínimo	1	0	0
Máximo	245	13.385	83
25º percentil	1	1	1
75º percentil	7	81	19
Mediana	3	28	10
Moda	1	0	0
Média	11	301	15
Desvio padrão	30,2	1.482,4	18,8
Discrepância			
Leve	16	201	46
Extrema	25	321	73

Figura 7: *Medidas descritivas para as variáveis nº de empresas, nº de funcionários e porte médio do ramo têxtil no RN.*
Fonte: *FIERN, 2017. Cálculos amostrais: ASSISTAT (2016). Elaborado pelo autor.*

4. Com base na metodologia adotada e nas medidas descritivas supracitadas (em destaque na Figura 7), os municípios do Rio Grande do Norte que possuem maior relevo para o ramo têxtil são:

a) *Natal*, com 245 empresas e 13.385 funcionários;

b) *Caicó*, com 85 empresas e 941 funcionários, *Jardim de Piranhas*, com 76 empresas e 1.010 funcionários, e *Parnamirim*, com 58 empresas e 999 funcionários.

c) *São Gonçalo do Amarante*, com 18 empresas e 1.456 funcionários, e *Macaíba*, com 16 empresas e 1.328 funcionários.

d) *Mossoró*, aparece em seguida, com 63 empresas e 280 funcionários.

e) *Jardim do Seridó*, com 28 empresas e 566 funcionários, *São José do Seridó*, com 21 empresas e 628 funcionários, *Serra Negra do Norte*, com 20 empresas e 528 funcionários, e *Parelhas*, com 19 empresas e 365 funcionários.

f) *Acari*, com 14 empresas e 328 funcionários.

g) *Santa Cruz*, com 13 empresas e 245 funcionários, *Ceará-Mirim*, com 13 empresas e 245 funcionário, *São José de Mipibu*, 10 empresas e 233 funcionários, e *Cerro Corá*, com 5 empresas e 216 funcionários.

h) *Cruzeta*, com 8 empresas e 127 funcionários, *Vera Cruz*, 6 empresas e 133 funcionários, e *São Francisco do Oeste*, com 3 empresas e 168 funcionários.

5. Existem, além dos supracitados, outros municípios do Rio Grande do Norte nos quais há a presença de estabelecimentos têxteis, entretanto, definimos tal recorte tipológico por duas razões. Em primeiro lugar, para garantir que a tipologia fosse concisa, motivo pelo qual definimos previamente parâmetros quantitativos baseados no cálculo da discrepância, ou seja, fazem parte da tipologia apenas os municípios que apresentem, em pelo menos uma das três variáveis pré-estabelecidas, um número igual ou maior que a discrepância leve (Figura 7). E, por outro lado, não queremos dar uma conotação exagerada da presença deste circuito no estado, o que transpareceria caso incluíssemos esses municípios na representação cartográfica.

Após perceber a capilaridade do circuito, por meio da eleição dos municípios que comporão as tipificações, faz-se necessário explicar como cada qual se espacializa. Para tal, nós analisamos no nível municipal quais atividades se destacavam em cada unidade, chegando à delimitação de seis diferentes tipologias, representadas espacialmente de maneira didática[2] na Figura 8.

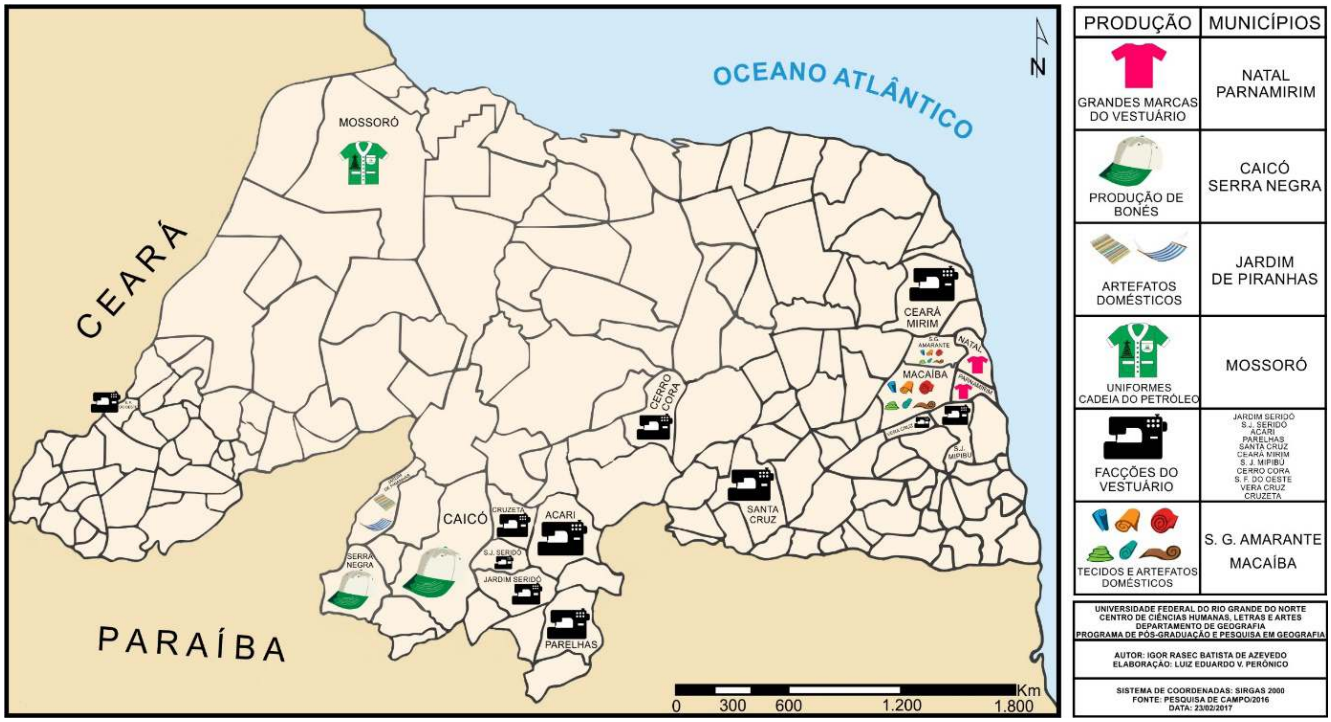


Figura 8: *Mapa da distribuição (didática) das tipologias do circuito espacial da produção têxtil no Rio Grande do Norte – 2017.*
Fonte: *Tipologia desenvolvida a partir de análise estatística com base nos dados no Guia Industrial da FIERN – 2017. Autoria: Igor Rasec B. de Azevedo*

Nesse sentido, a tipologia estabelecida, denota uma diversidade de condições, processos e conteúdos, a saber:

- O sub-circuito das grandes marcas do vestuário
- O sub-circuito internacionalizado dos artefatos têxteis
- O sub-circuito dos suprimentos têxteis para a cadeia do petróleo
- O sub-circuito das facções do vestuário
- O sub-circuito dos Bonés
- O sub-circuito dos artefatos têxteis para uso doméstico

Cada uma destas tipologias pressupõe significado e lógica própria, mas também estas podem ser analisadas em conjunto. O uso corporativo do território e seus nexos extravertidos no Rio Grande do Norte, objeto de análise do artigo em tela, perpassa sobretudo as tipologias 1, 2, 3 e 4, sobre as quais nos deteremos a seguir.

O uso corporativo do território e os nexos extravertidos: o Rio Grande do Norte enquanto espaço nacional da economia internacional

O circuito espacial da produção têxtil no Rio Grande do Norte possui um relativo grau de internacionalização. Conforme podemos observar na Figura 9, onde estão destacados, entre os principais produtos exportados, os artigos têxteis, 34,04% das exportações do estado em 2016 foram de insumos industriais, um aumento de 7,32% em relação ao ano anterior.

			2016	Var% (US$)
	US$	%	Kg	16/15
Total geral	284.679.968	100	1.393.106.364	-10,5
Total dos principais produtos exportados	284.305.249	99,87	1.392.923.200	14,6
1.Meloes frescos	75.318.687	26,46	120.363.468	19,2
2.Sal marinho, a granel, sem agregados	25.708.902	9,03	1.130.333.038	2,8
3.Castanha de caju, fresca ou seca, sem casca	25.183.477	8,85	3.232.202	45,4
4.Melancias frescas	16.145.173	5,67	37.669.717	29,8
5.Mamoes (papaias) frescos	11.885.593	4,18	11.692.799	11,6
6.Tecido de algodao>=85%, branqueado, pto. Sarjado, p>200g/m2	11.210.409	3,94	2.183.195	-11,3
7.Bombons, caramelos, confeitos e pastilhas, sem cacau	9.423.448	3,31	5.233.930	34,6
8.Outras chapas,etc. De outras plasticos, estratificadas	9.169.194	3,22	2.049.589	-3,9
9.Alimentos para caes e gatos	7.013.746	2,46	251.222	454,0
10.Mangas frescas ou secas	6.684.115	2,35	7.820.360	-4,7
16.Tecido de algodao>=85%, tinto, ponto sarjado, peso>200g/m2	4.026.990	1,41	717.469	-4,6
17.Tecido de algodao>=85%, fio color.Denim, indigo, p>200g/m2	3.847.730	1,35	647.242	-47,3
20.Outros tecidos de algodao>=85%, branqueado, peso>200g/m2	3.056.457	1,07	550.256	76,3
30.Outs.Tecidos algodao<85%, color/fibra sint/art.P>200g/m2	1.628.465	0,57	304.896	189,4
33.Outros tecidos de algodao>=85%, tinto, peso>200g/m2	1.183.001	0,42	177.640	-12,5
44.Tecido algodao>=85%, estampado, pto.Tafeta,100<p<=200g/m2	435.951	0,15	66.104	5,1
45.Tecido de algodao>=85%, estampado, pto. Sarjado, p>200g/m2	413.591	0,15	61.549	14,2
47.Tec.Estampados pt.Sarj/diag.Textura < 4	381.001	0,13	48.576	125,7
49.Tecido poliester<85% c/algodao, p<=170g/m2, tafeta, estamp	357.799	0,13	39.895	132,0
50.Tecido de algodao>=85%, tinto, pto. Tafeta,100<p<=200g/m2	345.285	0,12	40.310	12,8
51.Outros tecidos de algodao>=85%, fio color.Peso>200g/m2	291.694	0,10	48.847	181,0

			2016	Var% (US$)
	US$	%	Kg	16/15
55.Fios texteis de poliesteres crus	263.439	0,09	34.981	--
57.Tecido de algodao>=85%, cru, ponto sarjado, peso>200g/m2	249.721	0,09	56.413	-26,1
59.Outros tecidos de algodao>=85%, fio color. Peso<=200g/m2	197.125	0,07	31.201	302,4
60.Outs.Tecidos algodao<85%, tinto/fibra sint/art.P>200g/m2	194.228	0,07	25.283	-25,7
66.Outs.Tec.D/alg.Branq.Sint. Artif.>200G/m2	161.261	0,06	29.723	-79,2
67.Fio de poliesteres, retorcido ou retorcido multiplo	161.047	0,06	22.451	
71.Linha p/costura, de poliester, exc.Para venda a retalho	117.330	0,04	17.280	
76.Outras linhas p/costura, de algodao, para venda a retalho	73.867	0,03	4.614	-30,6
77.Roupas de cama, de algodao, estampadas	72.283	0,03	10.139	
80.Tecido algodao<85%, indigo blue/fibra sint/art.P>200g/m2	54.836	0,02	13.501	-75,9
82.Maquinas p/amarrar urdideiras de materia textil	53.283	0,02	520	
86.Maquinas p/inspecionar tecidos	40.000	0,01	3.000	
88.Tecido de algodao>=85%, branq.Pto. Tafeta,100<p<=200g/m2	38.607	0,01	4.035	343,6
91.Outros fios texteis de poliesteres	31.747	0,01	4.493	103,4
92.Tecido algod<85%, estamp/fibra sint/art.Sarjad.P>200g/m2	31.642	0,01	4.308	166,1
95.Tecido de algodao>=85%, fio color.Pto. Sarjado, p<=200g/m2	23.619	--	3.280	--
96.Outs.Tecidos algodao<85%, estamp/fibr.Sint/art.P>200g/m2	21.623	--	3.130	-40,7
97.Tecido de fibras artificiais>=85%, cru ou branqueado	19.979	--	2.767	
99.Camisas,blusas,etc.De outra materia textil, uso feminino	17.603	--	188	
100.Outros tecidos de algodao>=85%, estampado, peso>200g/m2	17.228	--	2.136	23,00
Demais produtos	374.719	0,13	183.164	-99,5

**Alguns valores foram arredondados para melhor legibilidade dos dados.*

Figura 9: *Principais produtos exportados do Rio Grande do Norte, em 2016, por valor em US$ e volume em KG*[3]

Fonte: *Secretaria de Comércio Exterior (MDIC/Secex), 2016.*

O percentual das exportações (34,04%) é proporcional ao quadro das importações do estado (Figura 10), no qual 38,27% do total, para esse mesmo ano, foram de insumos industriais têxteis, acumulando uma variação positiva de 0,94% em relação ao anterior. Esse índice não é elevado em termos absolutos, mas se o compararmos com a variação global das importações para esse mesmo período, cuja queda atingiu -25,44%, depreendemos que houve uma considerável estabilidade no ramo – em que pese ser essa uma inferência de conjuntura e não estrutural. Com efeito, por trataram-se de dados relativos e sabendo da situação favorável da balança comercial do Rio Grande do Norte, vale ressaltar que a diferença entre importação e exportação de insumos industriais no estado é de 27,12% em favor esta última.

			2016	Var% (US$)
	US$	%	Kg	16/15
Total geral	184.556.123	100,0	454.276.089	-25,4

			2016	Var% (US$)
	US$	%	Kg	16/15
Total dos principais produtos importados	163.634.275	88,66	446.706.431	39,2
1 Out.Trigos e misturas de trigo c/centeio, exc.P/ semead	53.336.884	28,90	282.526.991	25,1
2 Caixas de papel ou cartao, ondulados (canelados)	6.909.914	3,74	6.684.208	84,2
3 Outs.Fornos n/eletr.P/ustulacao,etc.De minerios/metais	6.586.884	3,57	2.233.134	
4 Polietileno linear, densidade<0.94, Em forma primaria	5.937.820	3,22	3.620.250	-1,3
5 Policloreto de vinila, obt.Proc.Suspensao, forma primaria	5.231.612	2,83	6.701.000	88,5
6 Coque de petroleo não calcinado	4.805.590	2,60	107.578.250	-12,0
7 Outros tipos de algodao não cardado nem penteado	4.491.097	2,43	3.238.623	
8 Copolimero de etileno/acido acrilico, em formas primars.	4.437.404	2,40	1.413.750	-34,0
9 Partes de outros motores/geradores/ grupos eletrog.Etc.	4.364.674	2,36	671.345	--
10 Outras chapas de polimeros de etileno, n/ reforcadas, etc.	4.265.739	2,31	1.817.290	56,2
20 Algodao simplesmente debulhado, nao cardado nem penteado	1.390.142	0,75	504.760	-1,0
28 Fio de alta tenacidade, de poliesteres	1.141.208	0,62	402.200	61,0
32 Outs.Maquinas e aparelhos p/trabalhar materias texteis	940.556	0,51	81.810	33,9

			2016	Var% (US$)
	US$	%	Kg	16/15
35 Tecido de algodao>=85%, cru, ponto sarjado, peso>200g/m2	793.562	0,43	215.928	
39 Fio de fibras de poliesteres>=85%, retorcido/retorc.Mult	650.634	0,35	161.612	-36,5
42 Outros tecidos de fibras de poliester	631.423	0,34	72.798	13,7
45 Tecido algodao>=85%, fio color.Pto. Tafeta,100<p<=200g/m2	607.136	0,33	55.001	-68,5
47 Tecido de filam.Poliester textur>=85%, crus/branqueados	592.024	0,32	72.016	1,0
61 Tecido de filam.Poliester textur>=85%, tintos, s/borracha	366.460	0,20	36.039	8,5
67 Tecido poliest<85% c/algod. P<=170g/m2, tafeta, divs.Cores	317.473	0,17	34.793	37,4
72 Tecidos de malha de fibra sintetica tintos l>30cm	279.980	0,15	42.608	-35,4
86 Tecidos de malha de fibra sint crus/branqueados l>30cm	224.568	0,12	41.044	15,8
87 Fio algodao<85%, simples, fibra n/pent.192.31D<=t<232.56D	222.341	0,12	28.933	344,2
90 Bobinadeiras p/fios elastanos, automaticas	213.475	0,12	5.682	
95 Tecido de fibras artificiais>=85%, de fios de divs.Cores	197.489	0,11	22.497	59,8
98 Maquinas p/enfestar ou cortar tecidos, automaticas	190.588	0,10	3.900	
100 Outros tecidos de algodao>=85%, fio color.Peso<=200g/m2	188.537	0,10	13.417	-88,0
Demais produtos	20.921.848	11,34	7.569.658	-83,9

Figura 10: *Principais produtos importados pelo Rio Grande do Norte, em 2016.*
Fonte: *Secretaria de Comércio Exterior (MDIC/Secex), 2016.*

Do exposto, depreende-se que o fluxo dos principais produtos concernentes a estes dois vetores no Rio Grande do Norte sinalizam para o aumento da produtividade do ramo têxtil, o que vincula-se diretamente à demanda de produtos intermediários fabricados em território estrangeiro – pela falta de disponibilidade aqui ou atratividade maior lá fora, como é caso dos artigos de fibras sintéticas. A Figura 11, dos principais países de origem de nossa importação, é uma evidência disso, encabeçadas por Estados Unidos e China, grandes produtores de bens de capital, ao passo que também se fazem presentes países como a Costa do Marfim, grande produtora de algodão, o qual caracteriza-se como bem intermediário.

Países	2016		2015		Var%
	US$	%	US$	%	16/15
Total do estado	284.679.968	100,00	318.039.847	100,00	-10,49

Países	2016		2015		Var%
	US$	%	US$	%	16/15
Total dos principais países destinos	273.967.101	96,24	240.443.323	75,60	13,94
1.Estados unidos	39.818.688	21,58	30.598.686	12,36	30,13
2.China	38.244.020	20,72	27.484.892	11,10	39,15
3.Argentina	35.605.143	19,29	34.962.757	14,12	1,84
4.Espanha	16.322.572	8,84	90.231.556	36,45	-81,91
5.Italia	7.093.154	3,84	8.341.624	3,37	-14,97
6.Alemanha	6.308.449	3,42	10.304.454	4,16	-38,78
7.Uruguai	4.911.100	2,66	5.767.116	2,33	-14,84
8.Paraguai	4.062.934	2,20	-	--	--
9.Paises baixos (holanda)	4.001.620	2,17	3.612.343	1,46	10,78
10.Costa do marfim	3.642.835	1,97	10.298.393	4,16	-64,63
Demais países	24.545.608	13,30	25.926.413	10,47	-5,33

Figura 11: *Principais países de origem da importação do Rio Grande do Norte, em 2016-2015.*
Fonte: *Secretaria de Comércio Exterior (MDIC/Secex), 2016.*

Na direção oposta, os fluxos de exportação da produção têxtil se inserem no agregado total do estado com um percentual de 11,7%. Desta forma, com base nos principais países de destino da exportação potiguar (Figura 12), depreendemos a inserção do ramo nos fluxos da divisão internacional do trabalho. Encabeçando a tabela estão grandes importadores de bens de consumo, no caso das roupas de cama, mesa e banho oriundas das multinacionais localizadas em solo potiguar, como é o caso da COTEMINAS®, e também de bens intermediário, como é caso da produção de tecidos para a produção do vestuário, tendo como exemplo emblemático, a Vicunha com uma topologia extremamente internacionalizada.

Países	2016		2015		Var%
	US$	%	US$	%	16/15
Total do estado	184.556.123	100,00	247.528.234	100,00	-25,44

Países	2016		2015		Var%
	US$	%	US$	%	16/15
Total dos principais países destinos	181.909.328	98,57	243.752.142	98,47	-25,37
1.Estados unidos	72.691.385	25,53	58.971.092	18,54	23,27
2.Paises baixos (holanda)	49.420.644	17,36	45.328.464	14,25	9,03
3.Reino unido	30.195.795	10,61	23.131.656	7,27	30,54

Países	2016		2015		Var%
	US$	%	US$	%	16/15
4.Espanha	26.657.717	9,36	25.497.462	8,02	4,55
5.Argentina	8.840.138	3,11	11.402.107	3,59	-22,47
6.Nigeria	8.709.845	3,06	8.617.800	2,71	1,07
7.Colombia	8.151.638	2,86	5.910.900	1,86	37,91
8.Italia	7.688.986	2,70	4.608.826	1,45	66,83
9.Mexico	6.242.253	2,19	5.202.761	1,64	19,98
10.Peru	5.903.865	2,07	7.470.235	2,35	-20,97
Demais países	60.177.702	21,14	121.898.544	38,33	-50,63

Figura 12: *Principais países de destino da exportação do Rio Grande do Norte, em 2016-2015.*
Fonte: *Secretaria de Comércio Exterior (MDIC/Secex), 2016.*

Segundo Sposito e Azevedo (2016), no âmbito da expansão contemporânea do modo industrial no Rio Grande do Norte, os principais produtos têxteis exportados pelo estado são camisas de malha de algodão de uso masculino, camisetas (*t-shirts*) e outros produtos de malha de algodão, tecidos de algodão índigo, cobertores e mantas de algodão, assim como roupas de cama com base em fibra de algodão e fibras sintéticas ou artificiais estampadas. Os países que se destacam na aquisição da maioria dos produtos supracitados são os Estados Unidos e membros do bloco da União Europeia, tendo havido uma considerável recessão a partir de 2007. Por seu turno, os países do Mercosul ganham notoriedade na importação de tecidos índigo e roupas de cama estampadas produzidos em território potiguar, apresentando crescimento relativo a partir do ano de 2012 no fluxo de aquisições destes e interrupção a partir de 2008 daqueles.

Diante do exposto, é possível observar que intensificam-se as relações na escala internacional, na medida em que se ampliam as lacunas que separam as multinacionais – alienígenas, haja vista seus interesses extravertidos – das pequenas e médias firmas nativas, os grandes dos pequenos, os espaços opacos dos luminosos, e assim por diante. Não obstante ao fato de que o tamanho da firma não significa menor espoliação do trabalho dos cidadãos. Se justapõem a alienação do trabalho e da produção, por meio dos ditames da técnica e da informação hegemônicas e por meio da exploração e do uso intensivo do trabalho.

Sendo assim, as duas primeiras tipologias analisadas (grandes marcas do vestuário e a produção corporativa internacionalizada de artefatos domésticos e insumos têxteis) são as responsáveis mais diretamente pela inserção do Rio Grande do Norte no circuito internacional da produção têxtil. As firmas do ramo de artefatos domésticos atuam como fornecedoras, ao mercado externo, de bens intermediários, em sua maioria tecidos de algodão (tipo *denim*, por exemplo) ou de fibras sintéticas; e no mercado interno produzindo e distribuindo artigos de cama, mesa e banho, comercializados, grosso modo, por lojas de departamento voltadas ao consumo de parcela da sociedade cujo poder aquisitivo engloba, de maneira geral, os estratos de renda médio e/ou alto.

De maneira similar, o vestuário engloba detentoras de grandes marcas nacionais (Hering e Riachuelo) que também atuam nesses dois níveis, diferenciando-se por comercializarem, majoritariamente, apenas bens de consumo – as firmas desta tipologia concentram suas ações nas instâncias da distribuição e da troca, terceirizando quase que completamente a produção propriamente dita, isto é, a manufatura (trabalho braçal), concentrando-se, todavia, na dimensão da concepção dos produtos (trabalho intelectual). Ainda se fazem presentes nesta tipologia, grandes marcas nacionais do vestuário que, apesar de não serem propriamente internalizadas no âmbito do consumo consuntivo, têm uma topologia ao mesmo tempo abrangente e seletiva no território brasileiro. A Toli©, cuja filial localiza-se

no Rio Grande do Norte, é um exemplo dessas grifes que, apesar de não serem internacionalizadas, estão presentes nos principais "templos de consumo" das regiões Norte e Nordeste – lojas em: Rio Branco/AC, Macapá/AP, Manaus/AM, Belém/PA, Santarém/PA, Porto Velho/RO, Fortaleza/CE, Maceió/AL, São Luís/MA, Campina Grande/PB, João Pessoa/PB, Olinda/PE, Petrolina/PE, Recife/PE, Teresina/PI, Caicó/RN, Mossoró/RN, Natal/RN e Aracaju/SE (TOLI, 2020).

Por fim, mas não menos importante, outra interface do uso corporativo do território potiguar pelo circuito têxtil coaduna com outro circuito, constitutivamente globalizado, a saber: o circuito espacial da produção de petróleo. Isto é, a produção de uniformes para a cadeia do petróleo, como desdobramento direto da atividade extrativa petrolífera, na qual Mossoró desempenha um papel de centralidade – foram verificadas pelo menos três unidades produtivas voltadas exclusivamente para a fabricação de fardamentos e EPI's do circuito petrolífero localizadas no município (FIERN, 2017).

É notório que, no âmbito mundial, há uma geopolítica energética cuja demanda, sempre crescente em função da expansão e reprodução ampliada do capital, produz um espessamento na divisão territorial do trabalho em se tratando dos circuitos espaciais produtores de energia, notadamente no caso do circuito do petróleo – que tem a capacidade patente de absorver e movimentar capitais nos subespaços com potencial de exploração. Alves (2012, p. 21), que estudou a dinâmica territorial deste circuito e suas implicações no Rio Grande do Norte, observa que:

> No estado a atividade petrolífera conta com diversa estrutura organizacional que ocorre desde o vasto sistema nacionalmente integrado de companhias comerciais privadas e empresas estatais, até pequenas companhias, algumas envolvidas em todos os aspectos das operações de petróleo, da exploração à comercialização. Além disso, os fluxos entre empresas cujas sedes localizam-se em estados e mesmo países distantes têm gerado um movimento contínuo de produtos, pessoas, informações e ideias. O que provoca também novas materialidades no território.

O estado do Rio Grande do Norte destaca-se em particular na produção *on-shore*, sendo o maior produtor nacional de petróleo em terra (ALVES, 2012). Segundo dados da ANP (2019), em 2008, o Rio Grande do Norte constituía-se como o 3º maior produtor de petróleo do Brasil, com um total de 22.331.740 barris de petróleo[4] – atrás apenas dos estados do Rio Janeiro, maior produto (82.5% da produção nacional), e Espírito Santo (6.4%).

Não obstante, as tendências atuais de exploração do petróleo no Brasil têm impactado na reconfiguração desse circuito em território potiguar, cuja produção, na última década, decaiu significativamente se comparada ao cenário nacional[5]. Com a descoberta dos campos do Pré-Sal a exploração de petróleo no Brasil aumentou quase 35%. A descoberta e viabilização da produção das reservas *off-shore* culminou em um "redirecionamento" da produção sobretudo para os estados litorâneos da região Sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo), em detrimento dos demais, como é o caso do Rio Grande do Norte, cuja exploração ocorre predominantemente em área continental (*on-shore*). Isso significa que o circuito espacial da produção do petróleo perde fôlego no Rio Grande do Norte, impactando necessariamente no circuito têxtil, enquanto circuito espacial produtivo complementar à atividade petrolífera.

De todo modo, inserido na complexidade organizacional proporcionada e demandada pela capilaridade de capitais do circuito petrolífero, no Rio Grande do Norte, o circuito têxtil funciona como um dos circuitos espaciais produtivos complementares ao do petróleo, direcionado a um consumo do tipo produtivo: fornecimento de insumos à etapa da produção propriamente dita do circuito petrolífero, especificamente no tocante aos instrumentos laborais (fardamento e equipamentos de segurança do trabalho – EPI: Equipamentos de Proteção Individual) necessários ao emprego da força de trabalho.

Considerações finais

Em se tratando do circuito espacial da produção têxtil em sua totalidade, desprezando, portanto, as diferenças particulares entre os (sub)circuitos aqui analisados, na base da pirâmide do uso produtivo do território estão as firmas que se territorializam nas escalas regional e nacional, não obstante aos vínculos, sobretudo, de dependência com os agentes atuantes na escala mundial. E essa é, precisamente, uma das justificativas da nossa opção pela abordagem dos circuitos espaciais produtivos, haja vista que os circuitos espaciais produtivos são multiescalares, porém tributários, (inter)dependentes e correlacionados à teia de interesses internacionais.

Em todos os casos, no entanto, concordamos com Moraes (1984) que em consonância com o pensamento de Milton Santos (SANTOS, 1979, 2008(a), 2008(b) e 2012) assinala que as sincronias funcionais locais obedecem a um tempo e a um ritmo da acumulação mundial. Nesse sentido, o circuito nitidamente internacionalizado do capital financeiro sobressai como importante elemento ordenador da produção nos diferentes rincões do planeta, como é o caso do espaço semiárido do Nordeste brasileiro ou tantos outros exemplos no mundo subdesenvolvido.

Isto evidencia uma inserção periférica nos círculos de cooperação do espaço de determinados agentes que apesar de usarem produtivamente o território, não são eles que o dominam ou exercem seu comando. Ou seja, é a dependência dos pequenos em relação aos grandes. Esta dependência pode ser direta, como é o caso da tipologia das facções do vestuário que dependem quase que exclusivamente da demanda de seus serviços pelas multinacionais, que por razões estratégicas terceirizam a maior parte de sua produção propriamente dita para preocupar-se com a concepção, com as informações – isto é, com a circulação de ideias e capitais –, assim como "baratear" seus custos relativos aos compromissos legais com a força de trabalho, que se fragiliza e se vulnerabiliza cada vez mais. Portanto, o uso do território pelas facções é um uso alienado, enquanto esse mesmo uso por parte das multinacionais é alienígena.

Um exemplo da dependência indireta das pequenas perante as grandes firmas é que estas últimas, por serem mais fortes financeiramente e conseguirem administrar seus lucros a longo prazo, adotam políticas de preços que lhes sejam convenientes, em detrimento da população em geral e dos pequenos produtores. Estes, por trabalharem em um nível bem mais baixo de valor agregado aos seus produtos, apenas adotam estratégias de sobrevivência na selva mercadológica, fixando seus preços bem abaixo daqueles impostos pelas firmas mundialmente capitalizadas.

Em suma, o que agrupa as tipologias ou os sub-circuitos têxteis mais diretamente tributários ao uso corporativo do território, o que os une, são solidariedades organizacionais. É o uso produtivo do território gerido e gestado pelas grandes corporações do círculo de cooperação têxtil, as quais fazem do Rio Grande do Norte, nesse sentido, um território nacional da economia internacional. Em contraponto e em detrimento de usos produtivos do território vinculados, sobretudo em sua evolução pretérita, por solidariedades orgânicas, no sentido da coabitação, das continuidades/contiguidades do território e dos acúmulos desiguais do tempo.

Referências:

ALVES, Sandra Priscila. **O circuito espacial da produção petrolífera no Rio Grande do Norte**. 2012. 207 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmica e Reestruturação do Território) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

ARROYO, Mônica. A economia invisível dos pequenos. **Le Monde diplomatique Brasil**. [s. L.], 04 out. 2008. Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=283>. Acesso em: 10 dez. 2014.

ASSIS, Wilk Magnos Moura de. **A produção de Scheelita no Rio Grande do Norte**: ascenção [sic] e crise (1940 a 1960). 2006. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

ÁVILA, Marcelo de. **Impacto da crise no mercado de trabalho da indústria de transformação : uma análise das horas trabalhadas e do emprego. Boletim Mercado de Trabalho**, Brasília, v. 1, n. 52, p.19-25, ago. 2012. Detentor dos direitos autorais: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3874. Acesso em: 1 abr. 2020.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo. **Reestruturação produtiva no Rio Grande do Norte. Mercator**, Fortaleza, v. 12, n. 2, p.113-132, ago. 2013.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo de; GALINDO, Leonardo da Silva. **A espacialidade da Indústria no Rio Grande do Norte (Brasil) no contexto da reestruturação produtiva**. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 147-168, ago. 2016. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/57933>. Acesso em: 15 fev. 2017.

AZEVEDO, Igor Rasec Batista de. **Circuito espacial da produção têxtil no Seridó Potiguar**: as especificidades do ramo de artefatos domésticos. 2017. 243f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

BARRIOS, Sonia. Dinâmica social e espaço, **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 4, n. 2, 2014.

BRASIL. ANP – Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis. **Produção de petróleo e gás natural por estado e localização**. 2019. Disponível em: <http://www.anp.gov.br/dados-abertos-anp>. Acesso em: 30 out. 2019.

CASTILLO, R.; FREDERICO, S. **Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 3, n. 22, p.461-474, dez. 2010.

DICIO. **Significado de Extravertido**. Disponível em: https://www.dicio.com.br/extravertido/. Acesso em: 7 abr. 2020.

FERNANDES, Bruno Rodrigo Borges. **Aproveitamento dos finos de Scheelita utilizando concentração centrífuga e lixiviação ácida**. 2011. 89 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia Mineral, Programa de Pós-graduação em Engenharia Mineral, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

FIERN – FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE NORTE. **Guia industrial**. Disponível em: <http://cadindustrial.fiern.org.br/>. Acesso em 23 jan. 2017.

FURTADO, Celso. **Um projeto para o Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969.

GALINDO, Leonardo da Silva. **Uso corporativo do território e "facções" de costura: a reorganização espacial do setor de confecções de artigos do vestuário no Rio Grande do Norte**. 2018. 243f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades@**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=_EN&coduf=24&search=rio-grande-do-norte>. Acesso em: 03 fev. 2017.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **ipeadata**. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/>. Acesso em: 08 abr. 2016.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Os circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação no espaço**, mimeografado, São Paulo, 1984.

PESSOA, Jomara Dantas. **Dinâmicas de reprodução do comércio e os novos papéis urbanos de pequenas cidades norte-rio-grandenses**: um olhar a partir das redes associativistas de supermercados. 2015. 247f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008(a).

_____. **Técnica, Espaço e Tempo**: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. 5. e.d. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008(b).

_____. **A Natureza do Espaço**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura da. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 18**. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SILVEIRA, Maria Laura. **Região e globalização: pensando um esquema de análise**. Redes: Revista do Desenvolvimento Regional, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 1, p.74-88, jan. 2010.

SISCOMEX, Sistema Integrado de Comércio Exterior. **Balança comercial brasileira: Estados**. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/balanca-comercial-brasileira-unidades-da-federacao?layout=edit&id=2206>. Acesso em: 15 dez. 2016.

SPOSITO, Eliseu Savério; AZEVEDO, Francisco Fransualdo de. **A disseminação do modo industrial em São Paulo e no Rio Grande do Norte: o tempo e o espaço em questão. Revista Formação**, Presidente Prudente, v. 1, n. 23, 2016, p. 133-157.

TOLI. **Lojas - Toli**. Disponível em: https://toli.com.br/lojas/. Acesso em: 1 abr. 2020.

Notas

1. O termo "extravertido" vem do verbo extraverter que é o mesmo que extravasar ou fazer transbordar para fora de suas limitações. Neste artigo, o utilizamos para fazer referência àqueles processos produzidos no lugar (em nosso caso no Rio Grande do Norte), mas que estão para além dele, ou seja, extrapolam seus limites originários. Ao longo do artigo fazemos sempre referência aos nexos estravertidos em consonância com a bilbiografia de Milton Santos, para quem o termo está associado ao que ele chamou de especializações territoriais alienígenas alienadas, isto é, subespaços (cidades, regiões, estados etc.) especializados em determinado segmento ou atividade econômica, cuja dinâmica territorial dos processos produtivos locais, se expressa por uma subordinação, ou mesmo dependência, que vem de fora, ou seja, é estranha ao próprio local de origem.
2. Para elaboração da Figura 8, atribuímos para cada um dos municípios elencados segundo a aplicação das medidas descritivas apresentadas na Figura 7 somente uma tipologia, aquela que para cada localidade representa maior concentração nas variáveis nº de empresas e nº de funcionários. Não obstante a algumas dessas cidades abrigarem concomitantemente mais de uma atividade produtiva, a justificativa por essa opção se deu para privilegiar os fins didáticos e gráficos, uma vez que sobrepor várias tipologias em uma reduzida área do Mapa acarretaria em poluição visual e prejudicaria a identificação e análise das variáveis nele representadas – a análise ficaria prejudicada, por exemplo, para os municípios de Natal e Parnamirim, os quais coadunam pequena extensão territorial *versus* diversificada gama de tipologias sobrepostas.
3. Nas tabelas extraídas da MDIC/Secex, os números percentuais são sempre relativos aos valores em US$. Os produtos destacados em negrito são relativos à produção têxtil; quanto aos demais produtos, mantivemos na tabela apenas aqueles que se apresentam entre os dez principais.
4. São levados em consideração para o cálculo dos barris os óleos e o condensado de petróleo, sem incluir GLP (Gás Liquefeito de Petróleo).
5. Em 2018, a exploração de petróleo no Rio Grande do Norte caiu aproximadamente 35%, na contramão da tendência nacional, apresentando uma produção de 14.700.394 barris. Isto acarretou a perda de uma posição no ranking nacional dos estados produtores de petróleo, assim como a sua participação em relação ao total de barris explorados no país, a qual decresceu de 3.4% em 2008 para 1.6% em 2018.